



ADEIPA

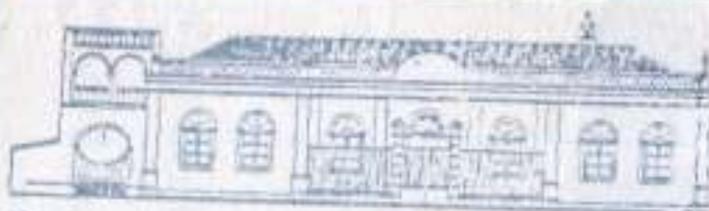
O HOMEM, O AMBIENTE E A PAZ

M. GOMES GUERREIRO
REITOR DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

*

FARO

*



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 2876 22 Nota N.º Dele

OPRAS DO AUTOR SOBRE AMBIENTE

Introdução e desenvolvimento dos estudos ambientais de Moçambique.
Sociedade de Estudos de Moçambique. Lisboa: Imprensa Nacional, 1967.

O Homem Actual perante a Natureza.

Universidade de Lisboa. Lisboa: 1969.

O Alguém à Luz de um Ordenamento dos seus Recursos Naturais.

Universidade de Lisboa. Lisboa: 1973.

O HOMEM,

O AMBIENTE

E A PAZ

A Defesa do Ambiente em Portugal.

Sociedade de Estudos de Ambiente. Lisboa: 1977.

A Ecologia dos Recursos da Terra.

2.ª Ed. Comissão Nacional de Ambiente. Lisboa: 1979.

A Poluição Ambiental dos Recursos e dos Países Nele.

Seg. Guerra n.º 1. Braga: 1980.

Recursos do Homem com a Natureza. Recursos do Homem.

Universidade de Alguém. Faro: 1980.

OBRAS DO AUTOR SOBRE AMBIENTE

Protecção e Exploração dos Recursos Naturais de Moçambique.
Sociedade de Estudos de Moçambique. Lourenço Marques. 1963

O Homem Actual perante a Natureza.
Universidade de Luanda. Luanda. 1969

O Algarve à Luz de um Ordenamento dos seus Recursos Naturais.
Universidade de Luanda. Luanda. 1973

A Poluição e o Homem.
Universidade de Évora. Évora. 1974

A Política do Ambiente e a Qualidade de Vida.
Secretaria de Estado do Ambiente. Lisboa. 1977

O Algarve do Futuro na Perspectiva Ecológica.
Secretaria de Estado do Ambiente. Lisboa. 1977

A Defesa do Ambiente em Portugal.
Secretaria de Estado do Ambiente. Lisboa. 1977

A Ecologia dos Recursos da Terra.
2.ª Ed. Comissão Nacional do Ambiente. Lisboa. 1979

A Problemática Ecológica das Reservas e dos Parques Nacionais.
Sep. Giesta n.º 1. Braga. 1980

Reencontro do Homem com a Natureza. Reservas da Biosfera.
Universidade do Algarve. Faro. 1980



ASSOCIAÇÃO PARA DEFESA E INVESTIGAÇÃO
DO PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL
CONCELHOS DE FARO, OLHAO, S. BRAS DE ALPORTEL E TAVIRA

O HOMEM,
O AMBIENTE
E A PAZ

M. GOMES GUERREIRO



Após a palestra, Luísa Silva, Ana Maria Botica e Fátima de Castro leram o livro «Valéria e a Vida» colaborando assim numa homenagem simples mas sentida ao poeta Sidónio Muralha.

A publicação desta conferência teve o apoio da Delegação Regional do Sul do Ministério da Cultura, da Região do Turismo do Algarve e da Universidade do Algarve.

*«NASCENDO A GUERRA NA MENTE DOS HOMENS,
É NA MENTE DOS HOMENS QUE SE DEVE
COMEÇAR A EDIFICAR A PAZ.»*

Do Acto Constitutivo da UNESCO

A CONFERÊNCIA DE TIBLISSI E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O Ambiente (ou biosfera) constitui como que o resguardo que permite a Vida sobre a Terra. Nele se encontram os recursos indispensáveis à existência das comunidades, salientando-se entre estas os organismos verdes que fornecem, por transferência, a energia captada do Sol que assegura o funcionamento do sistema trófico de que o Homem faz parte. Só ultimamente este se vai apercebendo, aliás com pouca convicção, desta evidência e portanto de que não deve existir antinomia e muito menos conflito entre ele e o Ambiente, seu progenitor; de que um e outro são, mais do que faces da mesma medalha, dois elementos complementares do complexo sistema que é a Vida.

Poder-se-á dizer que o Homem é o resultado «improvável» de uma longa evolução havida na Terra, tanto mais que se desconhece a existência de seres vivos no Universo até onde chegou a nossa observação. Surgido após um processo lento de encadeamento evolutivo de acontecimentos, o Homem, embora possuidor de consciência e de capacidade de reflexão, é o mais recente e também o mais complexo ser vivo. Apesar disso, rapidamente se apropriou do Ambiente de que proveio, ocupando-o, comandando-o e parasitando-o com total displicência e até hoje com total impunidade, segundo a filosofia do circunstancial e do antropocentrismo, aquela

que melhor responde ao tipo de vida que escolheu. Assim se tornou consumidor e depredador dos bens terrenos à sua disposição, sem contemplações pela estabilidade ou pelo futuro dos recursos que a outros seres vivos igualmente pertencem. Sem peias, consome energia, «tritura» materiais e, talvez pior que tudo, degrada, por vezes de forma irreparável, a harmonia e a beleza da Terra.

Se é concebível o Ambiente terrestre sem seres humanos, como acontece nos restantes planetas conhecidos, a inversa não o é: o Homem não poderá nunca existir sem intervir no Ambiente. A gravidade deste facto aumenta pela forma mais ou menos intensa e descuidada, para não dizer agressiva, como se dá essa intervenção.

Afirma-se, por vezes, que a perspectiva actual da relação Homem-Ambiente, presente no discurso e no comportamento do Homem moderno, é uma consequência da civilização tecnológica. Esta, porém, apenas terá apressado um processo antigo, embora seja responsável pelo seu rápido e crescente alastramento.

A poesia popular é a mais autêntica e simultaneamente a mais rica expressão do saber acumulado pelo Homem no decurso do tempo. É assim que Silva Varejota, um poeta algarvio da freguesia de Querença, escreve numa das suas poesias estes versos que bem caracterizam a dependência Homem-Ambiente:

*Eu na Terra é que semeio
De todo o meu alimento,
Da Terra tiro o sustento
E eu na Terra é que passeio;*

terminando por afirmar, com sentido ecológico,

*Tudo da Terra é criado,
Depois torna ao mesmo estado.*

Assim se compreende que hoje, em todas as escolas do Mundo mais esclarecido, se começa a ensinar que existe uma estreita e recíproca ligação entre o Homem em sociedade e o Ambiente que o envolve.

O interesse pelo estudo das relações Homem-Ambiente e pela forma como se processa o desenvolvimento da Sociedade, a degradação da qualidade de vida dos respectivos componentes e a já hoje possível previsão da derrocada do Planeta que nos tem dado vida e guarida justificaram a realização da «Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente». Foi no ano de 1972, em Estocolmo, e nela estiveram representados quase todos os países. Ali foi acentuada a necessidade de alargar e aprofundar, a todos os níveis, o estudo do Ambiente e das respostas deste às intervenções cada vez mais agressivas do Homem. No final foi recomendado à UNESCO que chamasse a si a tarefa de propor as medidas necessárias para estabelecer um programa mundial, relativo ao Ambiente, de ensino interdisciplinar, escolar e extra-escolar, cobrindo todos os sectores de aprendizagem. Igualmente foi estabelecido um programa científico intitulado «O Homem e a Biosfera» — MAB — a que infelizmente Portugal ainda não aderiu, a despeito de se ter criado, é certo que há pouco tempo, a Comissão Nacional Portuguesa da UNESCO.

Mais tarde, em 1977, igualmente por iniciativa da UNESCO e no âmbito do Programa da Educação Ambiental aprovado na referida Conferência de Estocolmo, foi realizada em Tiblíssi, na União Soviética, a primeira conferência intergovernamental, em que tive a honra de representar o nosso País e expor o ponto de vista do Governo Português. As declarações e recomendações aí aprovadas, neste domínio, constituem matéria a divulgar nas Escolas e fora delas, a nível local, regional, nacional e internacional, abrangendo todos os grupos etários.

A Conferência de Tiblíssi sublinhou a necessidade de definir as prioridades e os objectivos do programa internacional no sector da Educação Ambiental. Delas destaco os pontos seguintes:

1 — Estabelecer, desenvolver e aperfeiçoar os princípios, a teoria e as aplicações da Ecologia como Ciência sistémica de base, tendo em vista o funcionamento equilibrado e contínuo dos sistemas naturais e dos sistemas sociais;

2 — Integrar a Educação Ambiental em todos os programas de ensino, dentro e fora da Escola, no campo e na cidade, pois dela depende a harmonia entre o Homem e a Terra;

3 — Elaborar programas de educação capazes de dar a conhecer a verdadeira importância do Ambiente nas decisões políticas;

4 — Auxiliar os governos a promover a formação e a reciclagem do pessoal docente no sector da educação ecológica;

5 — Fornecer equipamento e encorajar a obtenção de recursos e de material pedagógico adequado para o sector;

6 — Promover e auxiliar a pesquisa, a experimentação e a divulgação do conhecimento obtido neste domínio;

7 — Estabelecer um sistema de informação, troca e difusão de conhecimentos no sector, utilizando para isso todos os processos e todos os canais da comunicação social a nível nacional e internacional.

Na nossa intervenção previmos que, no futuro, a educação relativa ao Ambiente não se limitará ao correcto conhecimento das relações entre ele e o Homem. A sua finalidade, afirmámos, deverá ir mais além, ao ponto de pôr em causa os próprios fundamentos da estrutura mercantil da actual sociedade consumidora, onde tudo tem um valor expresso em dinheiro, elemento que, no circuito económico, o Homem tem pretendido equiparar à energia nos sistemas biofísicos. *

* Guerreiro, M. Gomes — Le Portugal face à l'Éducation Relative à l'Environnement. In *A Defesa do Ambiente em Portugal*. Secretaria de Estado do Ambiente. Lisboa, 1977.

Idêntica Conferência se reuniu em 1982 na cidade de Nairobi, capital do Quênia. Uma vez mais, os 140 países presentes, preocupados com a evolução mundial, lançaram um dramático apelo a todos os governos, povos e organizações internacionais para a defesa do equilíbrio de tudo o que acontece na biosfera, sem o que não será possível garantir sequer a continuação da presença física do Homem sobre a Terra. Também se constatou que o plano de acção previsto há 11 anos, em Estocolmo, não estava a ser cumprido por «falta de visão, de respeito e de protecção do Ambiente».

Das recomendações aprovadas na Conferência de Nairobi resalta a afirmação de que uma Educação Ambiental é indispensável à execução democrática de qualquer tipo de política regional, nacional ou mundial. Para isso os órgãos de soberania e de decisão deveriam legislar e actuar correctamente nesta matéria, defendendo a moderação nos consumos, a harmonia e a equidade na distribuição dos recursos disponíveis, de modo a garantir não só a justiça mas também a perpetuidade, especialmente quando se trata de povos a que não foram ainda concedidos todos os meios adequados a uma vida digna.

A falta de identificação e de harmonia entre o Homem e o Ambiente, denunciada pelos ecólogos mais esclarecidos, não pode manter-se, sem ruptura, por muito mais tempo, porque em breve deixarão de existir as quantidades de energia-estoque até hoje disponíveis para restabelecer o equilíbrio constantemente posto em causa.

Se quisermos apreciar até onde pode ir a influência nefasta do Homem sobre o Ambiente em seu proveito, «humanizando-o», na sua expressão, basta visitar algumas ilhas descobertas no séc. XV por portugueses e por espanhóis. No século XVIII, Haiti era ainda uma ilha formosa no mar das Caraíbas. Actualmente é uma ilha martirizada e, segundo se afirma, um dos casos mais flagrantes da ruínosa intervenção do «Homem tecnológico» e uma prova de que o desenvolvimento seguro e estável não é possível sem a compreensão e o respeito pela Natureza, por maior que seja a promoção

feita pelos cartazes turísticos. Infelizmente, exemplos deste tipo são frequentes no nosso País, em especial em zonas de maior sensibilidade ecológica.

A POLUIÇÃO E A FEALDADE: RESULTADOS DA INTERVENÇÃO DO HOMEM NA BIOSFERA

A actividade industrial, que tanto prestígio alcançou no século passado e na primeira metade deste, constituiu uma das mais fortes intervenções do Homem no Ambiente, utilizando especialmente energia sob a forma de hidrocarbonetos extraídos da Terra sem critério nem contenção. Esta foi, por certo, das formas mais agressivas de exploração desde que, no Neolítico, o Homem se emancipou ou julgou emancipar-se dos ecossistemas em que se encontrava inserido. Entram nessa actividade conhecimento científico e tecnológico, doses concentradas de energia, automação e elevada velocidade de fabrico, segundo cadeias que não prevêem a reciclagem dos materiais e muitas vezes apenas fornecem produtos dispensáveis ou até inúteis.

Qualquer processo de produção ou de transformação, industrial ou agrícola, artesanal ou automatizada, parte sempre de uma intervenção, mais ou menos violenta, do Homem nos ecossistemas existentes na biosfera; mas são a indústria e o urbanismo, irmãos gémeos, que geralmente criam condições locais mais desestabilizadoras. Estas caracterizam-se pelo elevado consumo de energia* e de materiais e pela eliminação para o Ambiente dos respectivos resíduos, isto é, da parte que não foi absorvida e que, a partir de certa concentração, é nociva aos seres humanos. A isso se chama poluir, fenómeno que só não existe onde o Homem está ausente,

* Embora seja fisicamente incorrecto falar-se em consumo de energia, a verdade é que ela se degrada até se dissipar, «sumindo-se» no espaço cósmico, fora do alcance do Homem.

isto é, nos sistemas naturais de reciclagem constante. O que pode variar muitíssimo é a sua intensidade e portanto os malefícios para os seres vivos e sua envolvente biocenótica.

Embora nem sempre a indústria seja a actividade mais espoliadora dos recursos da Terra, é certamente a que mais polui a biosfera. Nela se utiliza a energia «domesticada»* e quantidades volumosas de materiais altamente concentrados, quase sempre sem os reciclar ou sequer recuperar a juzante do processo. Este procedimento constitui talvez o pecado maior do Homem dos dois últimos séculos e é resultado da busca de um crescimento contínuo do produto social cujo valor, entre nós, confere prestígio e por certo prosperidade material, normalmente às classes privilegiadas que formam grupos minoritários detentores dos meios de produção.

A conclusão de certas reuniões europeias de que *quem polui paga* baseia-se num capcioso princípio de fuga às responsabilidades sociais. Nele contabiliza-se a própria vida, sem respeito pelo Homem, em especial do que vive pior. É dramático ouvir a mulher de um operário dizer, com um misto de satisfação e de resignação, que o marido recebe maior salário porque trabalha com ferramentas perigosas ou em ambiente poluído, embora se compreenda a posição daqueles que optam por uma sociedade mais poluída se isso significar melhor alimentação para a família.

A intervenção dos grandes empórios capitalistas nos países tropicais e subtropicais, substituindo a esmo o coberto vegetal clímaxe aí existente por monoculturas geneticamente melhoradas, extensivas e fornecedoras de matéria prima para a indústria, cria problemas por vezes tão graves ou mais do que os da própria indústria. A cana do açúcar e o algodão são dois exemplos conhecidos. A desarboreização a que se está a proceder na bacia do rio Amazonas, para a obtenção de madeira ou de álcool, sempre em benefício de poucos

* Labeyrie, Vincent — Energie, Développement, Ecologie. *La Pensée*. Paris, Décembre 1980.

quando a maioria sofre toda a sorte de penúria e desnutrição, é dos exemplos mais graves, de expressão biofísica, da intervenção desabrada das forças de produção da sociedade actual. Constitui perigo enorme para a manutenção de uma biosfera sadia, harmoniosa e estável.

Na verdade, nunca os recursos naturais, quaisquer que eles sejam, deveriam ser tratados como mercadorias sujeitas às leis da oferta e da procura. No dizer de Jean Rostand, o Homem deveria considerar-se apenas gestor e nunca dono da Terra.

Embora com aparência de abundância e de prosperidade e o «slogan», ainda hoje com grande impacte social, de que «pela via da indústria em breve serão eliminados os conflitos sociais», compreendemos, com Labeyrie *, que o resultado último deste tipo de intervenção foi sempre desastroso, porque o Homem o não tem sabido aplicar. Só se devia utilizar a tecnologia como forma de criar condições para que os homens, todos os homens, alcançassem um adequado nível de conforto e bem-estar em ambiente de agradável convívio que a técnica não promoveu e até parece dificultar. Basta reparar que a «indústria da destruição» continua a ser contemplada com os maiores investimentos, como denunciou Jouvenel **.

É pouco correcto ir ao ponto de considerar a tecnologia como fonte única dos males da civilização actual. Reconheça-se porém que ela, por mais engenhosa que seja, apenas cria, a partir de grandes consumos de energia e custos sociais elevados, valores de uso, quantas vezes apenas supérfluos em termos de qualidade de vida, para não dizer funestos ou mesmo terrificamente agressivos. De facto só a Natureza, «mestra e mãe de todas as coisas» no dizer de Frei João

* Labeyrie, Vincent — Ob. cit.

** Jouvenel, Bertrand de — *La Civilización de la potencia*. Aldaba. Madrid. 1979.

de S. José * tem capacidade para criar matéria. O Homem fica-se pelo pensamento, o que não impedirá que amanhã, quando se der a ruptura biofísica que se pressagia, esta arraste o descalabro da Sociedade humana.

Se o Homem não vive sem pão, como dizem as escrituras, certo é que sem o suporte orgânico não existe o pensamento. O conceito de cultura materialista de Morris Harris ** parece-me conter o compromisso que melhor se ajusta à vida moderna porque, não desprezando o suporte material, não aceita como fatalismo dos sistemas sociais a luta e a competição que fizeram escola no século passado mas que continuam ainda na sociobiologia actual.

O «slogan» *o tempo é dinheiro* tem tido também grande influência na nossa vida. Procura fazer-nos esquecer que o gozo espiritual, a beleza e o conforto não têm preço, até porque felizmente não são fáceis de comercializar.

Não é pois quimérico pensar-se e defender-se, como faz Bertrand de Jouvenel, que a tecnologia deveria humanizar-se e assim contribuir para o equilíbrio harmonioso da Sociedade, a tal ponto que desta pudesse passar a considerar-se escrava. O que é errado, e por vezes dramático, é que a resolução de certos problemas da comunidade, tais como o da habitação, possam estar nas mãos de grupos egoístas, gananciosos, de visão sectorial, mais preocupados e preparados para encontrar soluções empenhadas em interesses altamente lucrativistas do que para promover o maior conforto e gosto de viver dos utentes da Cidade. Quem o faz pensa somente no seu próprio bem-estar, que não raro se confunde com ostentação. Esta situação e o prazer de consumir, que se foi refi-

* S. José, Frei João de — *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*. Sá da Costa. Lisboa. 1983.

** Harris, Morris — *El Materialismo Cultural*. Alianza Universidad. Madrid. 1982.

nando no decurso da civilização, influem de forma perniciosa na estrutura e na estabilidade do agregado familiar.

A família, que desde sempre teve grande importância na urdida do tecido social das comunidades humanas, encontra-se hoje em crise e, mais do que nunca, precisa ser defendida se a quisermos manter como herança valiosa para a organização da Sociedade. A ambição e a inveja, impondo o aumento crescente do consumo, têm conduzido à degradação e ao desprestígio da vida familiar, levando-a a sacrificar-se à manutenção do mais elevado nível de consumo, o único índice que verdadeiramente caracteriza, dizem alguns, o bem-estar da sociedade moderna. Obriga-se assim a Mulher a concorrer com o Homem no preenchimento dos diferentes postos de trabalho, menosprezando para isso as tarefas domésticas porque não fornecem produto mercantil. «O capitalismo e a tecnocracia ou, mais simplesmente, a economia de mercado», afirma Brice Lalonde *, «funciona como um cancro que cresce e se desenvolve em prejuízo dos sectores gratuitos» e nobres como o familiar e o natural. Ao usar-se o alibi de que os sexos devem ser iguais e portanto concorrentes na luta do dia-a-dia, permite-se ou impõe-se que o casal esteja grande parte do tempo afastado dos filhos, o que tem consequências desastrosas na formação destes e da comunidade. De facto, é nas crianças de tenra idade que é mais intensa a actividade cerebral de recolha e armazenamento da informação que irá construir a personalidade e a cultura do indivíduo. Neste aspecto, os órgãos de comunicação social, ao divulgarem falsos conceitos, não só contribuem para destruir o tipo de relações entre as pessoas mas, em certos casos, para espalhar o ódio e a violência e banalizar o crime. De facto, sobrevalorizam tudo o que pode ser comercializado e consumido, ao mesmo tempo que desvalorizam sentimentos como a solidariedade e o amor. Quase se pode afirmar que o *crescimento*

* Lalonde, Brice — *Ecologie: un avenir à soi. Dialectiques* n.º 31. Paris. 1981.

acabou por lançar as bases de uma nova moral que nos encaminha para a prática de uma filosofia hedonista, sem o *efeito moderador* dum inferno.

Contra a perspectiva de Marx, o capitalismo recuperou para si todas as contradições que levariam directa e inelutavelmente à sociedade socialista. O mesmo acontece com a poluição, em face do princípio desumano do *poluidor-pagador* que, como vimos, parece ter a aceitação de toda a Europa industrial a que humildemente queremos pertencer.

Vive-se, tanto na empresa como na política, um pragmatismo conjuntural que despreza a cultura e elimina a utopia e a esperança; vive-se o acontecimento e adia-se ou hipoteca-se o futuro à ideia de conforto físico imediato que nos leva a multiplicar o consumo de televisores, de automóveis e de electrodomésticos que em breve se trocam pelos da última moda e, pior que tudo, a «consumir» a paisagem de que a Natureza nos rodeou. E *já*, como se repete na gritaria de todas as reivindicações, o que leva a confundir as justas com a injustas, as indispensáveis com as inúteis, as que se podem obter dos recursos renováveis e as que provêm dos recursos esgotáveis a curto prazo.

É certo que todos nós protestamos contra o desacerto de muitas soluções tecnológicas e sociais. Mas quem evita adquirir brinquedos ruidosos, miniaturas de equipamento bélico, por vezes movidos por motores que, consumindo energia, não apresentam interesse pedagógico? De resto o nosso País, pequeno e pouco desenvolvido, endividado e aflito na resolução dos seus problemas do dia-a-dia, mal apetrechado e com um território onde a oliveira é a árvore que melhor o caracteriza, ainda mantém forças armadas de dimensões certamente despropositadas.

Embora falemos muito em mudança, continuamos a basear a nossa vida na filosofia do conforto a qualquer preço, sem a força, a imaginação e o conhecimento necessários para nos libertarmos da dependência do exterior. Simplesmente, aguardamos ...

O produto nacional bruto — PNB —, o índice tão endeusado e por todos nós citado com frequência, encerra uma noção que pouco ou nada terá com a felicidade dos homens de uma Região ou de um País. Se tivesse, poder-se-ia dizer que um sueco é 6 a 7 vezes mais feliz que um português médio ou 20 vezes que o habitante de Alfama ou da serra algarvia. Refira-se que o PNB é formado pela soma de todos os gastos, tenham ou não impacte social positivo, quer sejam medicamentos, cigarros, automóveis, hospitais, desastres ou centrais nucleares, quer sejam produtos bélicos capazes de arrasar o mundo ou apenas, eufemisticamente, de eliminar todos os homens. Os engarrafamentos de trânsito, grandes e prolongados, com viaturas potentes servindo uma única pessoa, fazem aumentar o PNB. O mesmo acontece com os acidentes de automóveis, o elevado custo de muitos funerais, etc. Tudo isto constitui uma escravidão ideológica e científica herdada do século XIX, século do materialismo orientado prioritariamente para o crescimento dum ilimitado conforto material e bem estar físico do Homem, com completo desprezo pelo Ambiente.

A UTOPIA FISIOCRATA A CAMINHO DA REALIDADE

Os primeiros economistas dos fins do século XVIII apresentaram-se com uma visão algo diferente deste modo de viver, gastador e parasitário, apontando a Terra como a única fonte de toda a riqueza. Mas foram contestados e postos a ridículo perante a era da abundância cuja aproximação se previa e com alvoroço se desejava. Os seus escritos e as suas ideias são hoje, finalmente, recordados e relidos com crescente interesse. Deles relembro os belos textos de Vandeli * nas «Memórias Económicas da Academia Real

* Vandeli, Domingos — Sobre a Agricultura deste Reino, e das suas Conquistas *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa* — Tomo I (169-189) 2.^a Edição. Lisboa. 1885.

das Ciências de Portugal», insurgindo-se contra a prioridade que se atribuía ao sector secundário, já então a instalar-se no País segundo a imagem da Europa central e nórdica. De então para cá, os modos de produção nas sociedades existentes, as capitalistas e, na sua pegada, as socialistas, são não só desumanizados como desnaturalizados, com a enorme desvantagem de privilegiarem minorias.

O PNB continua, talvez hoje mais do que nunca, a ser utilizado como critério de avaliação e medida nos programas dos partidos políticos dentro ou fora do Governo. Cada um deles oferece uma maior taxa de crescimento económico. Para todos só o crescimento rápido e sem contenção pode resolver os males das sociedades e garantir uma era de prosperidade e felicidade, como se os recursos, a energia e o próprio Globo Terrestre fossem ilimitados, como se a Vida fosse possível depois de quebrado o equilíbrio harmonioso que mantém a biosfera desta Nave espacial com lotação e recursos limitados.

Na sociedade actual, o Homem deveria fazer uma aprendizagem segundo uma perspectiva de reencontro com o Ambiente, o que pressupõe, além da cooperação entre os homens, um mutualismo que englobe todos os seres vivos. Só a partir de uma correcta Educação Ambiental se poderá seguir este caminho, até desfazer as assimetrias riqueza-pobreza e sabedoria-ignorância que caracterizam todas as sociedades humanas, em especial as que, na periferia, se encontram em perigosa instabilidade.

A Educação Ambiental, na expressão da UNESCO, não tem por objectivo diminuir, eliminar ou privilegiar determinada classe social: aspira a educar o povo e a dar-lhe possibilidade de avaliar, escolher e correctamente decidir acerca da organização e do funcionamento das comunidades, conhecendo os perigos e as vantagens de cada opção. O que se pretende afinal é que o Homem aprenda a incluir na chamada «equação do progresso» a variável Ambiente, de forma a que na respectiva resolução a ecologia entre em condições de igualdade com a tecnologia, a economia, a sociologia e a

política. Não se pretende, como por vezes se pensa, voltar ao Neolítico, segundo a concepção simplista da Ecologia de alguns, nem resolver por esta via os difíceis e específicos problemas do Homem em Ambiente social, o que na verdade só à Sociologia compete (ou à política, como sua expressão prática).

É doloroso e de consequências imprevisíveis deixar-se atrofiar a imaginação do indivíduo, o seu poder criativo e a sua coragem para defender a mudança. Hoje já muitos asseveram, como Galbraith, por certo com razão, que a causa principal da pobreza dos povos do terceiro mundo é a sua resignação, isto é, a aceitação passiva de um «statu quo» social que não admite a mudança e nem sequer a esperança. Um exemplo concreto vem do rural do Sul do nosso País, mundo agarrado à tradição do pousio, do sequeiro e do extensivo, por certo a principal responsável pelo baixo nível de vida do nosso camponês e pelas dificuldades existentes em Portugal, que leva os mais aptos a recorrerem à emigração. De facto, não há recurso natural mais promissor do que a capacidade de um povo, nem recurso humano ou financeiro mais produtivo e multiplicador do que o poder de criatividade, previsão, planeamento e acção que se obtém pela aprendizagem.

Ainda hoje, os conceitos de defesa e de protecção, no que diz respeito ao Ambiente natural, estão carregados do antropocentrismo que Copérnico e Galileu pareciam ter definitivamente desfeito, embora a sociedade da época tenha obrigado o último a abjurar para defesa da sua própria vida. O Homem continua a ter um comportamento paternalista, «magnânimo», antropocêntrico, convencido que é seu dever «proteger» a Natureza quando, afinal, deveria prioritariamente aprender a compreendê-la e a respeitá-la tal como ela é. Não raro proclama, com orgulho que reflecte ignorância, a vitória sobre o meio físico. * A Natureza não necessita de ser protegida,

* Brandel, Fernand — *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philipp II*, Colin, Paris, 1949.

mas sim de não sofrer demasiado a nossa intervenção quase sempre agressiva, desestabilizadora e uniformizadora, por vezes muito além da sua capacidade de resistência e de homeostasia.

A Humanidade devia ao menos preservar, aqui e ali, pequenos trechos da biosfera, onde a diversidade genética das espécies é mais rica e mais precário o equilíbrio ecológico. Neles deveria criar Parques e Reservas, Instituições culturais e científicas de expressão pluridisciplinar, simultaneamente ao serviço da investigação, do ensino, da evolução, do recreio e do aprazimento das populações. Assim acontece nos Estados Unidos da América do Norte desde há uns anos, primeiro do que na Europa, por iniciativa de um dos seus mais notáveis presidentes. Actualmente todos os países do mundo mantêm áreas, maiores ou menores, totalmente protegidas. Mas não se deve pensar que uma verdadeira política de Ambiente se possa esgotar ou sequer confundir com a defesa e preservação local de certas espécies e biocenoses, ou trechos da paisagem, embora sejam de louvar atitudes como a de Roosevelt ou a de Lagrifa Mendes, este o principal responsável pela criação do Parque Nacional da Peneda-Gerês, até hoje o único existente em Portugal.

O Homem, com os seus milhões de neurónios, terá capacidade para entender, esperemos que ainda a tempo, que a sua enorme aptidão para estudar, imaginar e recriar lhe pode sugerir alternativas diferentes de intervenção que permitam estabilidade dinâmica para a sociedade, de forma a garantir a permanência da espécie humana ao longo dos tempos. É que da luta sem peias contra o Ambiente, de que até há pouco a civilização tecnológica já se arrogava vencedora sairá sempre vencida, até porque àquele se encontra umbilicalmente ligado, solidário e dependente.

Mas tudo o que se disse, embora possua interesse científico e humano, dificilmente convence a Sociedade a caminhar para a prática do respeito pela Natureza. Desde sempre o Homem, de intervenção em intervenção, cego na sua loucura de Ícaro, se entre-

gou à tarefa de transformar toda a biosfera num enorme sistema simples, estático, padronizado e grande fornecedor de produtos mercantis, sistema declaradamente incapaz de permitir a evolução e a diversidade que, em conjunto, são o que garante a estabilidade e portanto a continuação da Vida sobre a Terra.

Os órgãos de soberania, principalmente na área do Executivo, qualquer que seja o País ou a respectiva política, dificilmente aceitam uma prática de colaboração simbiótica com o Ambiente expressa em intervenção comedida e que preveja a contenção dos consumos. Pregam uma doutrina social condicionada que privilegia apenas um dos elementos do processo, o Homem, sujeitando o Ambiente às exigências e prepotências progressivamente crescentes daquele. Nesta perspectiva, alegam que a Natureza pode ainda alargar a sua capacidade de resposta, de modo a suportar todas as intervenções do Homem. O contrário, acrescentam, seria a transigência naturalista ou russiana, irrealista, o romantismo oitocentista ou o impressionismo ultrapassados, numa época em que predominam uma tecnologia de base científica e sofisticada que dizem estar ao serviço do Homem e ser capaz de resolver todos os problemas.

NA PISTA DA MELHOR SOLUÇÃO SOCIAL

Vivemos de facto, como atrás dissemos, numa Sociedade que adopta para valor básico da vida a competição genética severa e portanto a luta que só encontra justificação numa interpretação deformada dos conceitos marxistas, darwinistas e maltusianos. Isso nos leva a esquecer, ou pelo menos a menosprezar, a solidariedade e o mutualismo, e conseqüentemente a admitir que a Sociedade é formada por seres que entre si concorrem e ferozmente competem até à destruição dos mais fracos. Na verdade, todas as práticas sociais da Europa do século passado, com forte apoio na exploração dos povos mais atrasados, se baseavam numa filosofia de livre con-

corrência e portanto de luta, porque só elas, diziam, poderiam assegurar o triunfo dos melhores. É esta, de resto, a filosofia que emerge da sociobiologia — reforçada pela descoberta do suporte químico da hereditariedade e do código genético que levam o Homem a aguardar com avidez o momento em que se possa manusear a seu bel-prazer o suporte da hereditariedade — que defende a teoria enviesada da existência de raças humanas de primeira, de indivíduos bons e indivíduos maus isto é, o primado do gene e do instinto sobre a cultura. É sabido que a melhoria de vida das classes trabalhadoras da Europa foi obtida pela intervenção abusiva dos países industrializados nos recursos dos países subdesenvolvidos ou atrasados. O Parlamento britânico, considerado geralmente como o símbolo da democracia, foi um dos mais notáveis expoentes dessa política, isto é, da forma como um povo pode explorar outros povos da Terra com a estranha justificação de possuir uma superioridade genética baseada em falsos conceitos que justificaram as mais negras páginas da história da humanidade. Escreve Ruffié* que em certo momento alguns ingleses (da família de Darwin, como Galton e Pearson) consideravam justa a exploração dos povos do mundo, desde que não fossem de pele branca, não habitassem as ilhas britânicas ou não pertencessem aos descendentes das suas famílias**. Ainda hoje há os que pensam que por este caminho se atingirá a sociedade-modelo de elevado progresso material e de abundância, conduzida pelos povos que, dizem eles, aliam, neste momento histórico, a riqueza genética que confere capacidade do poder e da decisão.

Os conceitos de luta e de competição, tão utilizados pelos naturalistas do século passado, nada mais foram, de acordo com o

* Ruffié, Jacques — *Traité du vivant*. Fayard. Paris. 1982.

** Segundo Ruffié (Diário de Lisboa, 22-VIII-83) Galton «tenta construir um racismo científico na parte mais baixa do qual se encontrariam os negros, na mais alta os ingleses e, mais alto ainda, a família Darwin.»

mesmo Ruffié, do que a projecção, no mundo da biologia, do capitalismo desregrado, da exploração sem limites, da concorrência desenfreada e da aventura colonialista que profundamente marcaram o processo social de forma a serem considerados causas do progresso. Engels e Marx foram ao ponto de utilizar, ao revés do próprio Darwin, a expressão «darwinismo social», e Rosnay * afirma que o pensamento dos biólogos influenciou sistemas políticos tão diferentes como o comunismo e o capitalismo. Hoje renova-se e ganha força a tentação bem clara de transpor os conhecimentos e as leis da biologia animal para o tecido social, diminuindo assim o impacte do condicionalismo ecológico e da educação (ambiental) em benefício dos factores genéticos.

Os princípios da física e da biologia, e portanto da ecologia, são hoje utilizados na tentativa de compreender a estrutura das sociedades humanas e até para neles se basearem os ensaios para a sua melhor organização. É a confissão clara mas estranha da incapacidade da sociologia actual para resolver os problemas sociais. É neste sentido que do malthusianismo ao ecologismo moderno, passando pelo darwinismo social e pela sociobiologia nascente, se renovam as tentativas para interpretar o comportamento do Homem pelo comportamento dos outros animais. Isso permite explicar a vida humana recorrendo ao determinismo genético e ecológico com exclusão do factor ensino e cultura que o ser humano tem criado e armazenado ao longo da sua existência. Desta situação resulta o emprego impróprio, nem sempre inocente, de conceitos de biologia em sociologia e vice-versa, ao ponto de se falar de ecossistemas urbanos e fabris e de genes bons e maus, altruístas e egoístas.

Embora lentamente, vai-se acentuando a convicção de que o problema do Ambiente, nas suas relações com o Homem, não deve apenas servir de exercício escolástico nem somente ser tema especulativo; não é fruto de uma posição emocional nem representa uto-

* Rosnay, Joël — *Les chemins de la vie*. Seuil, Paris. 1983.

pia intelectual de grupos pouco numerosos (por vezes designados por *verdes*), arredados das realidades da vida. «Os homens não podem viver sem o mar e também não podem viver sem o ar» lembra Sidónio Muralha *, poeta há pouco desaparecido, com a sua clara percepção e fina sensibilidade, pela voz de uma menina no belo livrinho «Valéria e a Vida» que mereceu o prémio anual da Secretaria de Estado do Ambiente. «Os homens não sabem o que fazem», diz a jovem Valéria, acrescentando: «É preciso que todas as crianças do mundo, que serão os homens do futuro, salvem a Natureza».

A pouco e pouco vamo-nos dando conta, sem muita convicção, de que o Homem vive há milhões de anos uma aventura telúrica que ele cada vez mais tem capacidade para interromper ou continuar. Infelizmente, ao afirmar-se pelo poder da sua inteligência e imaginação, ele deixou de ser um componente solidário desse sistema para passar a ser um elemento independente, estranho, que a si próprio se privilegia. De uma posição correcta de humilde e equilibrada integração e cooperação num grupo comunitário transferiu-se para uma outra de comando cada vez mais abusiva desse sistema, tendo como primeiro objectivo satisfazer a todo o custo o seu bem-estar material. De facto, ao deixar de fazer parte do sistema primitivo e ao colocar-se fora dele, parasitando-o com o à-vontade de quem exerce um direito, o Homem iniciou nova fase na história da Terra. Nesta situação de parasita, obrigou os sistemas da biosfera a «trabalhar» para si, com velocidade crescente e segundo processos que nem sequer se caracterizam pelo bom senso ou pelas mais elementares regras de convivência. Assim, em vez de harmonia e estabilidade, passou a haver desarmonia que, se permite elevar a eficácia, a produção e o rendimento líquido do sistema, troca a solidariedade e a perpetuidade, anteriormente existentes, pela luta, pelo circunstancial e pelo efémero, numa economia baseada na produção de equipamento bélico e do máximo de consumo e desperdício. Não

* Muralha, Sidónio — *Valéria e a Vida*. Horizonte. Lisboa, 1976.

se trata apenas, no dizer de Erich Fromm *, de uma solução fanática do liberalismo, do comunismo ou do fascismo, mas o produto de uma sociedade cega, completamente mecanizada e computadorizada, dedicada à maximização da produção, uso e consumo de materiais; sociedade cuja composição continua fortemente assimétrica, em termos de bem-estar, mas que procura encostar-se ao prestígio da democracia que diz assumir mas não pratica. O *robot* é, neste enquadramento, o objectivo a alcançar para servir o Homem, ele próprio também em perigo de um dia se transformar num simples *robot*. Hoje as viagens extra-terrestres tentam ainda mais desprender o Homem do seu nicho ecológico terreno, respondendo assim à sua inquietação e vontade de se libertar.

O desenvolvimento tecnológico, de resultado expresso em produto não reciclado, tende a constituir, nesta Sociedade, a principal justificação do comportamento e da moral. Assim a vida do Homem oscila, naturalmente, entre uma actividade de produção e de consumo, mesmo durante os períodos de lazer. Se cuidasse apenas da sua subsistência e do seu conforto espiritual, e não da ostentação que gera a inveja e cria a avidez, não existiriam hoje os desequilíbrios e as crises sociais que caracterizam as nossas sociedades. Segundo Fromm *, o «desenvolvimento do Homem em sociedade e não o «progresso» industrial, deveria ser a finalidade mais importante da organização social».

A dificuldade do Homem em resolver os seus problemas em comunidade, isto é, em criar estruturas adequadas ao seu quotidiano, leva-o por vezes a recorrer, como atrás dissemos, a políticas ecológicas, de índole biofísica e portanto não vocacionadas para *resolver* os problemas humanos. Porém as ciências sociais, como de resto a

* Fromm, Erich — *La Revolución de la Esperanza. Hacia una Tecnología humanizada*. Fondo de Cultura Económica. Madrid 1982.

própria tecnologia, não devem ser *culpadas*, como desde há muito afirmamos, desta situação. Os únicos culpados são os homens, e destes os que detêm o poder e o conhecimento e desprezam as ideologias. Eles sabem que não podem cumprir promessas, em especial quando feitas no ardor de campanhas eleitorais em que, à procura de votos, não é estratégico aconselhar-se a parcimónia no consumo. Então tudo prometem, como se os recursos fossem inesgotáveis e reprodutivos, ao exclusivo dispor de uma só geração.

Daqui resulta uma política de forçada criação de postos de trabalho, que inevitavelmente conduzirá à produção do supérfluo inútil, em grande parte material de guerra, como se daí, ironicamente, viesse a felicidade. O problema do desemprego é, pois, neste contexto, um falso problema ou pelo menos um problema mal equacionado, que não raro impõe soluções socialmente nefastas, como a fabricação de armamento. Este, como é natural, foi o responsável pelas grandes hecatombes de que o século XX tem sido pródigo, em especial nas Nações da Europa tecnologicamente ricas ou por estas apoiadas. Recorde-se que a guerra entre o Iraque e o Irão constituía, em 1982, o 127.º conflito armado depois de 1945, segundo escreve Ruffié. De tais conflitos resultaram cerca de 32 milhões de vítimas.

Entretanto caminhamos velozmente para o *robot* e para a automação, e assim para a redução do número de empregos; se quisermos e em alternativa, para a redução do número de horas de trabalho.

O desemprego é, frequentemente, nesta perspectiva, o resultado de uma política errada que se reflecte no desajustamento entre as tarefas a realizar e o trabalho disponível. No dizer de André Gorz *, «a história do progresso técnico dos dois últimos séculos não é mais do que a história do esforço tenaz, mas sempre gorado,

* Gorz, André — *Les chemins de Paradis. L'agonie du capital*. Galilé. Paris, 1983.

para reencontrar o caminho impossível do Paraíso onde Adão e Eva, sem trabalho, disfrutaram elevada qualidade de vida».

O que na realidade está em causa é a valorização de todos os recursos e a formulação de um modelo de sociedade em que todos os homens participem. O principal objectivo deverá ser o de encontrar, transformar e valorizar, pela participação de todos, os recursos existentes indispensáveis e garantir, repetimos, que os indivíduos vivam com equidade e dignidade humana, em harmonioso mutualismo entre si e com a biosfera. Como comenta Ruffié *, «a Humanidade tem, neste momento, os meios técnicos e materiais suficientes para sair da crise; só ainda não tem os meios políticos e morais», por certo porque não fez esforços adequados para os criar. A democracia tradicional procura garantir, o que nem sequer alcança, igualdade de oportunidade de acesso ao poder, quando prioritariamente deveria garantir a liberdade e a igualdade de oportunidade de acesso ao conhecimento, ao saber, ao trabalho útil e à cultura. Ficámos pelo liberalismo darwinista que é hoje a fonte das grandes injustiças sociais e até de conceitos racistas que nos últimos anos beneficiaram do apoio da sociobiologia wilssiana que, como vimos, pretende justificar, apenas pelo factor genético, o comportamento hegemónico da raça branca especialmente a anglo-saxónica, e assim minimizar o valor do ensino e reduzir o leque de oportunidades das outras raças.

À PROCURA DE UMA POLÍTICA DE AMBIENTE

A qualidade de vida, da sociedade, que está aliada à qualidade do Ambiente, só se alcançará a partir de nós próprios, do nosso conhecimento e da nossa correcta participação, tendo por base uma aprendizagem adequada. Somos nós e mais ninguém que

* Ruffié, Jacques — *Ob. cit.*

consumimos e que poluimos; somos nós que desfeamos a paisagem, que degradamos a pureza, o equilíbrio e a harmonia dos sistemas naturais e, ainda pior, que fazemos a guerra e que invertemos (assim) a marcha normal dos fenómenos naturais de que depende a vida na Terra.

A ecologia é uma ciência muito nova e talvez por isso levante questões e problemas para os quais os políticos ainda não têm resposta pronta e adequada. Entretanto algumas Constituições, como aliás a nossa, nas regras de conduta, referem o direito genérico do Homem a um Ambiente sadio e o dever de defender a Natureza e o Ambiente e preservar os recursos naturais. Contudo, estes objectivos «piedosos» só poderão ser concretizados e alcançados por uma população sabedora, esclarecida e corajosa, capaz de os entender e valorizar com trabalho, engenho e um mínimo de conhecimento e preparação. O Homem é, neste processo, sujeito e objecto de que dependem a correcta condução e a boa execução de uma política de Ambiente. Com esta procurará criar sociedades cujas preocupações se não limitem à ânsia do maior lucro, dos elevados índices quantitativos e das altas taxas de crescimento mas que considerem a preservação da boa qualidade do ar que se respira, da água que se bebe, dos alimentos que se ingerem, das casas que se habita, dos centros onde se estuda e dos locais de descanso, convívio e recreio.

Deve sempre presidir o princípio de que não há lucro ou crescimento económico de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos que justifique impor-se a outrem baixa qualidade de vida, quer esta se caracterize por poluição, ruído e ausência de beleza, quer por sujidade, fealdade, desconforto e não raras vezes fome. A medida de tudo é sempre o Homem, quaisquer que sejam os seus progenitores ou o seu local de nascimento.

Contudo, a verdadeira política do Ambiente não pode ser imposta. Embora o seu objectivo seja sempre a construção de uma sociedade em que todos os homens tenham garantido trabalho, re-

pouso e justo usufruto dos recursos disponíveis, não só em termos de energia utilizável mas também de felicidade, liberdade e segurança, a verdade é que tudo isso tem de ser decidido por todos nós. Daqui a necessidade imperiosa de informar e educar, e assim criar condições para que cada um possa avaliar e esclarecidamente escolher. A mensagem de Tiblissi é bem clara, ao acentuar que a política de sobrevivência humana passa sempre por uma política de educação de base ambiental. É evidente que, nesta política, como já atrás dissemos, jamais deve o Homem considerar-se protector, defensor ou dono da Terra que habita e de que afinal depende. Ainda que assim fosse, uma breve reflexão o levaria a fazer uma gestão prudente e sábia dos recursos disponíveis, de modo a dar-lhes uso adequado e assim garantir-lhes a perpetuidade.

A linguagem possessiva que usamos ao falar da Natureza deveria ser eliminada, porque é alarmante. Nela predominam conceitos de protecção e de defesa, na acepção de luta e conquista, reflectindo a nossa suposta superioridade e o nosso egoísmo perante um Ambiente que é afinal a razão da nossa própria existência.

Ultimamente e como há pouco tivemos oportunidade de escrever «... a Humanidade, tornada mais sabedora e precavida, é obrigada a refrear a sua arrogância ou o seu «paternalismo» perante a Natureza e a pôr de lado expressões como «conservar», «defender» e «proteger». Mais esclarecido, o Homem contemporâneo procura conhecer a biosfera e os ecossistemas nela existentes, de modo a estudá-los e humildemente compreendê-los» *. De resto, com frequência crescente se aceita que a unidade funcional do mundo não é representada pelo indivíduo mas sim pelo conjunto ou ecossistema que pode, na sua maior complexidade, incluir todas as comunidades terrestres. Há pois que insistir na afirmação de que o Homem isolado não tem sentido. Ao Ambiente deve, como vimos, não só

* Guerreiro, M. Gomes — A Problemática Ecológica das Reservas e dos Parques Naturais. *Giesta* n.º 1. Braga. 1980.

o seu aparecimento e a sua Vida mas também a sua continuidade. Se teimar, como até hoje, em percorrer o caminho para o desequilíbrio talvez a ele venha também a dever o seu desaparecimento. É dramático saber que neste momento existe, em depósito, na Terra, o equivalente a 4 toneladas de explosivos clássicos por pessoa!

Desde o Neolítico que o Homem vive numa sociedade de consumo, explorando a Terra a partir da sua enorme capacidade de intervenção e da homeostasia da Natureza. A perspectiva ecológica será, na sua pureza, irrealizável. Constitui contudo, como outros ideais, uma utopia que, no caso presente, procura realizar-se a partir de um convénio entre o Homem (caracterizado pelo pensamento e pela cultura) e o Ambiente de que os ecólogos se arrogam ter ampla procuração.

Compreende-se assim que o Dia Mundial do Ambiente não seja um dia de festa, mas sim de reflexão, e talvez até de humilde e consciente arrependimento e mudança. Dia que auxilie a compreender que o bem-estar do Homem e a sua continuidade na Terra dependem do respeito e da procura constante da melhor forma de usar os tempos de trabalho e de ócio, tendo em vista a melhor qualidade de vida e simultaneamente a estabilidade e a pureza do Ambiente que nos rodeia.

Frequentemente aflora aos nossos lábios, no dizer de Jouvenel *, a acusação de que tudo se deve às práticas actuais das sociedades de base social capitalista ou marxista, ambas curiosamente ligadas, nas suas origens, à filosofia darwinista. A verdade é que, os vários modelos institucionais hoje ensaiados ou ao nosso dispor não têm sido praticados para garantir a satisfação dos anseios de todos os habitantes da Terra. Partiram de certos pressupostos que não se têm concretizado. As soluções propostas ou apoiadas, na prática, apenas por estratos reduzidos da população, embora de expressão democrática nos seus mecanismos, acabaram por conduzir,

* Jouvenel, Bertrand de. *Ob. cit.*

por um liberalismo sem regras, a situações centralizadoras, a sociedades de grandes assimetrias socioeconómicas e a Estados onnipotentes, formados por membros eleitos, é certo, mas escolhidos numa minoria e distanciados com frequência das preocupações da maior parte dos dirigidos. Estes são facilmente manipulados, na sua descrença e desesperada avidez de bem-estar e de justiça, pelas informações forjadas pelos poderosos meios audiovisuais que, ultimamente, postos ao serviço desses grupos minoritários, violam a sua intimidade e quebram as últimas defesas da sua independência. Assim se compreende que o fosso que até hoje separa os ricos dos pobres mais e mais se venha aprofundando e que a perspectiva futura não seja nada animadora.

QUE FUTURO PARA O HOMEM NA TERRA?

Os vários modelos de sociedades actualmente existentes, para se manterem, impõem, todos eles, enormes gastos e desperdícios de recursos, em especial da energia armazenada no seio do Globo Terrestre, numa das práticas mais lamentáveis das sociedades humanas dos últimos 150 anos, pela imprevidência que mostra e de que já estamos a sentir a acumulação dos efeitos nefastos. O parque de material bélico, que compreende terríveis mísseis, as ogivas e os abrigos que rapidamente se constroem por toda a Europa são dos exemplos mais evidentes. Num e noutros se concentram sem justificação social, percentagens elevadas e crescentes dos recursos disponíveis na Terra.

Neste mundo angustiado e incrédulo «compreende-se que, como temos vindo a dizer, o ecologismo do Ocidente, de aparência racional, o Islamismo místico do Oriente e ainda outras receitas que pretendem reunir ambos, sejam procurados com entusiasmo e aceites como ideologias salvadoras por camadas numerosas da população,

em especial dos estratos mais jovens»*. Isto traduz a descrença do Homem em si próprio, perdido na sua incapacidade de encontrar soluções humanas e sociais justas para os problemas da sua vida em comunidade. Esta trágica situação da humanidade terá levado Daniel Filipe a escrever o belo poema intitulado «Invenção do Amor», em que põe na boca do Homem-robot da civilização pós-industrial, para que «orgulhosamente» parece caminhar, o alerta do grave perigo que pode representar o «contágio» de um jovem casal que terá sido visto de mãos dadas, algures, num jardim ou numa viela pouco concorrida da Cidade, com «olhos e coração e fome de ternura», ameaçando assim, com o seu exemplo de fraternidade, compreensão e convívio, uma sociedade que luta desesperada e agressivamente por aumentar a eficácia, o lucro e o conforto material. De facto nenhum daqueles sentimentos tem a ver com a actividade febril exercida para fabricar, consumir e destruir, e que fará, dizem, aumentar a felicidade do Homem nos centros urbanos megalópicos para tal construídos.

Ramon Tamames**, economista espanhol, homem de quem, pela formação intelectual e pela filiação partidária, se deveria esperar pragmatismo, afirma que «uma das maiores ironias do mundo actual consiste em que a salvação para os homens práticos apenas se poderá procurar na utopia dos idealistas», e comenta: «falta saber se aqueles se convencerão a tempo de que devem enfrentar com o sonho a realidade». «A utopia de ontem», escreve Ruffié, «deverá ser a realidade de amanhã.***

Aliás, o nosso poeta António Gedeão, homem licenciado em Física e portanto conhecedor do fatalismo do segundo princípio da

* Guerreiro, M. Gomes — *A Escola. A melhor mensagem. O melhor investimento*. Universidade do Algarve. Faro 1982.

** Tamames, Ramon — *Ecología y Desarrollo*. Aliança Editorial. Madrid. 1977.

*** Ruffié — *Ob. cit.*

Termodinâmica, escrevia, antes de Tamames, um belo poema a que chamou «Pedra Filosofal», que anda na boca e nos ouvidos de todos nós e que diz:

*«Eles não sabem que o sonho
É uma constante da vida»*

terminando com uma mensagem de advertência e esperança

*«Eles não sabem, nem sonham
Que o sonho comanda a vida».*

De resto só quando sonha, escreve Fromm, o Homem pode hoje ser verdadeiramente livre, pois não tem então necessidade de lutar pela sobrevivência e muito menos pelo bem-estar.

Esta Associação para Defesa e Investigação do Património Cultural e Natural do Algarve é, a nível local, uma resposta consciente e de boa vontade à política de Ambiente definida em Estocolmo e confirmada em Tiblissi e Nairobi. Se muitos a seguirem e por ela lutarem, o Mundo poderá ter a esperança de um dia reunir todos os homens em pequenas células como esta, urdindo um tecido social que a todos cubra e a todos identifique no mesmo ideal de telúrica solidariedade.

O património herdado, em especial o património artístico, documenta, melhor que a Cidade moderna ou que as realizações tecnológicas, que são o nosso orgulho, com verdade e rigor, o que foi a passagem do ser humano na Terra. A arte e todas as expressões da cultura foram sempre a melhor marca deixada pelo Homem, a sua assinatura. Aliás a beleza deverá ser considerada no contexto etnológico, antropológico e biofísico, o contrário do falso ou do artificial. Preservá-la sobre a Terra é um imperativo, se quisermos não perder a nossa identidade.

Trabalhemos com entusiasmo e determinação para fazer do Dia Mundial do Ambiente não só o dia de reflexão na escolha do melhor caminho do futuro, mas também o dia em que na Nova Cidade seja maior o número dos que, de mãos dadas, podem festejar o amor, a fraternidade e a esperança. Assim nos comprometemos no processo que permite legar aos nossos filhos este Planeta de pequenas dimensões, é certo, mas cuja camada verde, iluminada pelo Sol, consente que o Homem construa uma sociedade em que cada um viva com saudável dignidade a parte que lhe cabe na estranha mas empolgante aventura da Vida.

Esforcemo-nos por nos libertarmos das garras da sociedade tecnológica, produtivista e lucrativista, consumidora e espoliadora e sempre injusta para a maioria. Pugnemos por uma outra mais equilibrada e harmoniosa em que todos os homens tenham igual acesso aos recursos e aos produtos da tecnologia, especialmente para satisfação do seu bem-estar físico e espiritual.

Demos prioridade ao desenvolvimento harmonioso da sociedade com base na estabilidade ecológica e lutemos para que o crescimento tecnológico não se converta, como prediz Fromm*, no fundamento de uma moral.

As boas relações entre os homens e entre estes e o Ambiente, segundo um convívio aceite por ambos, são o segredo da permanência da Vida sobre a Terra. Se o desvendarmos poderemos, finalmente, encontrar a porta por onde fugir da loucura e da angústia que de nós se apossaram, no dizer de uma das personagens dum recente filme sobre o Mahatma Gandhi; ou então abrir com fragor as portas de ouro do palácio encantado da Ventura, de que nos falou o profeta Antero, e assim, iluminados por uma Nova Esperança, caminharmos, seguros, para um Mundo melhor e mais fraterno.

Cultivemos a Esperança, a Fé, a Coragem e a Determinação para podermos construir a Sociedade em que o Homem reencontre

* Fromm. *Ob. cit.*

a Natureza e com ela se irmane. Mesmo que tal se considere difícil de alcançar, pensemos, com Aristóteles, que o improvável é, no decurso do tempo, também um acontecimento provável, tal como a utopia pode ser uma antevisão da realidade.

Reunamo-nos pois em Associações culturais como esta, façamos da Educação Ambiental um objectivo de todos os dias. Lutemos não só pela consolidação da harmonia entre os homens mas também entre estes e a Biosfera. Assim defenderemos uma política que, no dizer de Juan Maestre Alfonso *, se baseia por um lado no equilíbrio entre a população e os recursos e por outro no triunfo da vida sobre a morte, do bem-estar sobre o sofrimento e da Paz sobre a Guerra. Com vigor condenemos a Guerra entre os homens mas denunciemos igualmente a exploração abusiva e descuidada que, em Paz, os mais aptos ou mais fortes fazem dos recursos da Terra, para satisfação da sua desmedida ânsia de consumo, de mando e de «libertação» impossível da Natureza. Respeitemos a Mãe-Natureza que, além de nos ter criado, generosamente nos oferece os recursos e a liberdade que até hoje não temos sabido bem utilizar.

* Alfonso, Juan Maestro — Medio ambiente y sociedad. *Ayuso*, Madrid. 1978.

«NASCENDO A GUERRA NA MENTE DOS HOMENS,
É NA MENTE DOS HOMENS QUE SE DEVE
COMEÇAR A EDIFICAR A PAZ.»

Do Acto Constitutivo da UNESCO

*Para a Manuela e a João pelo que
terão influído na redacção deste
texto que foi lido em Faro, a con-
vite da ADEIPA, no âmbito das
comemorações do Dia Mundial do
Ambiente em 5 de Junho de 1983.*